

OS JOGOS OLÍMPICOS TÓQUI/2020 E A COBERTURA ESPORTIVO-MIDIÁTICA DOS ESPORTES SURFE E SKATE A PARTIR DO JORNAL ZERO HORA/RS

STEFANO FRITZEN¹; MAURICIO BARTH²; ALESSANDRA FERNANDES FELTES³; GUSTAVO ROESE SANFELICE⁴

1 Bacharel em Educação Física pela Universidade Feevale, Novo Hamburgo/RS. E-mail: sanfeliceg@feevale.br

2 Doutor em Diversidade Cultural e Inclusão Social. Professor na Universidade Feevale, Novo Hamburgo/RS. E-mail: mauricio@feevale.br

3 Doutora em Diversidade Cultural e Inclusão Social. Professor na Universidade Feevale, Novo Hamburgo/RS. E-mail: alessandrafeltes@gmail.com

4 Doutor em Ciências da Comunicação. Professor na Universidade Feevale, Novo Hamburgo/RS. E-mail: sanfelice@feevale.br

RESUMO

Este estudo teve como objetivo analisar como foi realizada a cobertura esportivo-midiática que o Jornal Zero Hora realizou dos Jogos Olímpicos de Tóquio/2020 com foco nos esportes surfe e skate. O artigo fundamentou-se através de uma pesquisa qualitativa descritiva, tendo como *corpus* o Jornal Zero Hora referente às edições de 9 de julho a 22 de agosto de 2021, período em que o evento transcorreu e a duas semanas posteriores à sua realização. As inferências coletadas foram divididas em quatro categorias: apresentação de atletas e modalidades/prática de sucesso com os jovens; Extra olimpíadas; conquista e a apresentação de resultados; e construção do herói. Concluímos que o jornal Zero Hora privilegiou na cobertura das modalidades estreantes no Jogos Olímpicos as conquistas de medalhas dos principais atletas.

Palavras-chave: Jogos Olímpicos; Surfe; Skate.

TOKYO/2020 OLYMPIC GAMES AND SPORTS-MEDIATIC COVERAGE OF SURF AND SKATE FROM THE ZERO HORA/RS JOURNAL

ABSTRACT

This study aimed to analyze how the coverage of Surfing and Skate in the Tokyo/2020 Olympic Games by the newspaper Zero Hora was carried out. The article was based on descriptive qualitative research, having as corpus the Zero Hora newspaper referring to the editions from July 9 to August 22, 2021, period in which the event took place and two weeks after it took place. The inferences collected were divided into four categories, presentation of athletes and successful modalities/practice with young people, extra Olympics, achievement and presentation of results and hero construction. We conclude that the newspaper Zero Hora prioritized in the coverage of the modalities debuting in the Olympic Games the medal conquests of the main athletes.

Keywords: Surfing; Skateboard; Olympic Games.

1 INTRODUÇÃO

Os Jogos Olímpicos são realizados desde a Grécia Antiga; para os gregos, “os Jogos representavam um momento de trégua nas guerras e conflitos de qualquer ordem” (RUBIO, 2010, p. 57). Por sua vez, eles são oriundos de festejos míticos e religiosos, associados às celebrações e foram criadas atividades competitivas e atléticas para reverenciar seus deuses, tornando-se uma tradição (MINUZZI; MARIN, 2012; BARTH; SANFELICE, 2022). Depois

de um hiato de séculos, em 1894, o Barão de Coubertin, em Paris, apresentava sua proposta de recriação dos Jogos Olímpicos, e pela primeira vez na época contemporânea, em frente a duas mil pessoas, de 13 nações distintas, o evento ocorreria, repetindo-se de quatro em quatro anos, baseados na antiguidade, desde Atenas 1896 a Tóquio 2020.

Atualmente, os Jogos Olímpicos são considerados megaeventos, realizados em grandes cidades, com a participação de atletas de diversos países espalhados pelo globo. É o evento esportivo com maior visibilidade mundial, apresentando grandes investimentos, patrocínios e infraestrutura. Taffarel, Santos Junior e Silva (2013) caracterizam os jogos como grandes acontecimentos que mobilizam países, governos, economias, atletas e a população em geral que consome o espetáculo. No fim, eles são determinantes para medir as capacidades de desenvolvimento do esporte, da economia e dos recursos públicos.

Os Jogos Olímpicos de Tóquio 2020 foram realizados em 2021 e apresentaram diversas dificuldades devido ao momento em que o mundo passava, enfrentando a pandemia de COVID-19. A discussão em relação à segurança e saúde de todos os participantes do evento permaneceu, mesmo após a vacinação em andamento nos países, acarretando diversos debates sobre a realização desse megaevento. Apesar desses problemas, os jogos ocorreram, respeitando as normas sanitárias criadas pelo Comitê Olímpico, mas observam-se as imensas barreiras que foram enfrentadas pelos atletas e por todos que participaram de alguma forma dos jogos (SANTOS; TERRA; MEDEIROS, 2020).

Nos jogos de Tóquio foram incluídas cinco novas modalidades: baseball/softball, karatê, escalada, skate e surfe, sendo que os dois últimos esportes ficaram mais conhecidos pelo nome de Esportes Californianos e/ou Esportes Radicais. O primeiro nome está relacionado a sua região de origem, na Califórnia/EUA, enquanto o segundo baseado nos fortes sentimentos que ambos proporcionam para seus praticantes. Essas novas modalidades rompem com as práticas tradicionais, não focadas na força dos músculos e sim na flexibilidade e a busca pelo equilíbrio (BRANDÃO, 2009; BARTH; SANFELICE, 2021).

O surfe e o skate, “nascidas enquanto práticas tipicamente juvenis e consideradas desviantes na mentalidade partilhada durante décadas, passaram a ser consideradas eventos típicos de importância social e de relevância jornalística” (FOGLIATTO; MARQUES, 2020, p. 38), devido a grandes eventos com premiações e destaques de atletas brasileiros, aumentando sua popularidade e relevância. O surfe, surgindo primeiro como forma simbólica de descarregar as energias negativas no ato de se equilibrar sobre um pedaço de madeira, foi realizado originalmente pelos povos peruanos e polinésios, acrescentando, assim, na forma de pensar e

agir do grupo de praticantes, seu estilo de vida característico, apresentando fatores inerentes desse simbolismo, marcado pelo sossego e harmonia (FOGLIATTO; MARQUES, 2020).

O skate, por sua vez, é uma invenção dos jovens norte-americanos, que, em tempos de maré baixa, improvisaram tábuas sobre rodas para continuarem aproveitando as qualidades do surfe nos asfaltos (BRANDÃO, 2011). Uma nova forma de relação entre os espaços urbanos e os skatistas foi apresentada, utilizando espaços públicos criados para outras finalidades. As pranchas, encurtadas e com rodas, cuja prática sobre calçadas e asfalto invadiam locais outrora pouco explorados, tem o objetivo de realização de manobras, modificando a visão da sociedade (FOGLIATTO; MARQUES, 2020).

O comitê olímpico, com o ingresso das novas modalidades, buscou “inovações focadas na juventude e um maior apelo urbano, reutilizando instalações já existentes, trazendo um formato mais dinâmico e competições mais excitantes” (MACHADO, 2017, p. 222). Essa busca focada na participação da juventude está intrinsicamente ligada à diminuição das práticas esportivas e a massificação da tecnologia.

Com o advento da tecnologia e da comunicação e com a habilidade marcante do fenômeno esportivo de atrair pessoas de todas as idades, nacionalidades, culturas e condições sociais, decorrente das capacidades da mídia de construir sentidos e significados, difundiram ainda mais as práticas esportivas, passando a ser uma fonte inesgotável de notícias, público e receita (MEZARROBA; PIRES, 2011). Segundo Sanfelice (2010), o esporte longe da mídia não apresenta a mesma legitimidade, pois ela constrói sentido e significados sociais, disseminando seus rituais, ditando regras e horários, evidenciando como o campo esportivo é permeado pelo seu campo de atuação.

A partir dessas premissas, o presente trabalho pretende analisar como foi realizada a cobertura esportivo-midiática que o Jornal Zero Hora realizou dos Jogos Olímpicos de Tóquio/2020 com foco nos esportes surfe e skate.

2 MÉTODOS

O método científico envolvido na construção deste estudo fundamentou-se através de uma pesquisa qualitativa descritiva, tendo como *corpus* o Jornal Zero Hora/RS referente às edições de 9 de julho a dia 22 de agosto de 2021, compreendendo as duas semanas que antecederam os Jogos Olímpicos Tóquio/2020, período em que o evento transcorreu, e as duas semanas posteriores à sua realização. Além disso, foi utilizada neste estudo uma revisão bibliográfica, a fim de nortear a fundamentação teórica e reflexiva entre autores sobre a análise

das reportagens e imagens catalogadas durante a cobertura feita pelo Jornal Zero Hora nestes três períodos. O presente estudo é conduzido e sustentado por pressupostos metodológicos qualitativos de viés descritivo. Segundo Dijk (1990), esse referido método possibilita a execução da análise textual e visual, suprindo as estruturas do discurso em diversos níveis de descrição.

Assim, justifica-se a importância da utilização do método de pesquisa supracitado, pelo fato de levar em consideração as questões subjetivas da análise dos dados, perante a cobertura esportivo midiática que o Jornal Zero Hora/RS abordou durante as edições do pré-evento, durante o evento e pós-evento, que foram impostas conforme a demanda das reportagens e imagens apresentadas durante a cobertura do jornal. Essas reportagens e imagens foram interpretadas e analisadas desde o dia 9 de julho a 22 de agosto, porém foram separadas por períodos. Na discussão dos resultados, foi realizada uma organização das clipagens catalogadas de acordo com os assuntos tratados em cada período. Assim, é importante destacar, a partir da pesquisa qualitativa/descritiva, a liberdade de descrever o que o jornal trouxe aos seus leitores neste período dos Jogos Olímpicos de Tóquio/2020, baseado nos esportes surfe e skate. Para tanto, esta análise foi dividida em três fases, conforme Bardin (2011).

Fase da pré-análise textual e temática: criada para organizar as ideias principais, referente à cobertura e como seria compreendida a leitura dos materiais escolhidos para a análise. Busca-se relacionar os três períodos de acordo com o assunto abordado no desenvolvimento da análise das reportagens e imagens e textos relacionados aos Jogos Olímpicos de Tóquio/2020 a partir dos esportes surfe e skate. Nessa fase, foram analisadas as imagens, os editoriais, os painéis, os títulos, as capas, as notícias, as notas e outros canais publicados nos cadernos do Jornal Zero Hora/RS, a partir de sua capa, contracapa e o caderno de esportes.

Fase da exploração do material: definiu a construção das operações de codificação, considerando os recortes dos textos em unidades de registros, definição de regras de contagem e a classificação e agregação das informações em períodos. Bardin (2011) define codificação como a transformação, por meio de recorte, agregação e enumeração, com base em regras precisas sobre as informações textuais, representativas das características do conteúdo.

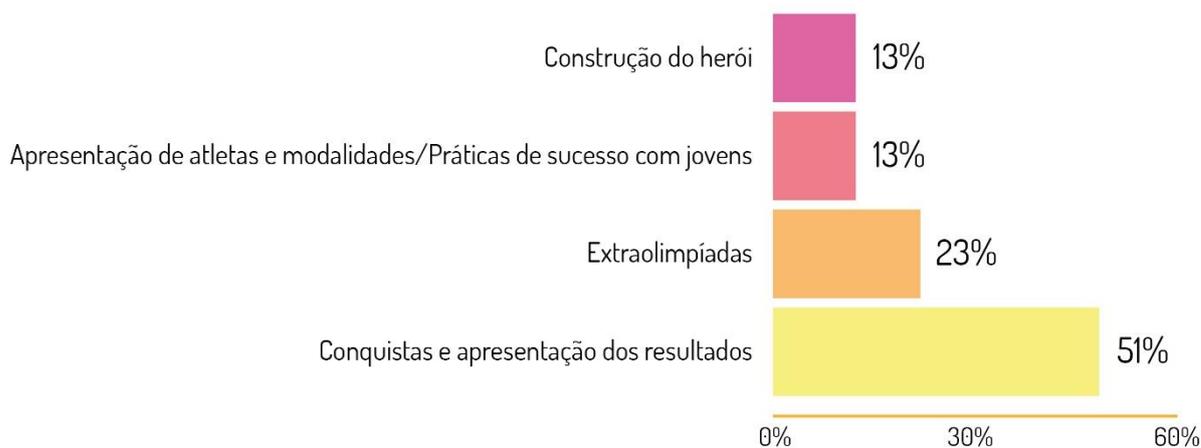
Fase de tratamento dos resultados, inferência e interpretação: tratou de captar os conteúdos manifestos e latentes contidos em todo o material analisado. Nessa etapa, foram comparados os dados encontrados nas reportagens do jornal e elaborada uma reflexão com o que os autores falaram sobre o assunto abordado nas reportagens. Os processos qualitativos possibilitaram efetuar uma verificação textual, levando em consideração o fundo contextual e

as suas dimensões, que deram conta da constituição do discurso em distintos níveis de descrição. Segundo Dijk (1990), essas dimensões contextuais ligam-se a essas descrições estruturais com características díspares do contexto, como as técnicas cognitivas e as representações, ou os elementos socioculturais.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo com os resultados obtidos, a partir da análise dos conteúdos retirados do Jornal Zero Hora/RS, apresentamos o produto da pesquisa realizada referente à edição dos Jogos Olímpicos Tóquio/2020. Com um total de 292 inferências coletadas no período que abrange o pré-evento, durante o evento e o pós-evento, pertencentes às edições do dia 9 de julho a 22 de agosto de 2021, foram estabelecidas quatro categorias para análise, conforme gráfico abaixo.

Figura 1 – Total de inferências nas categorias



Fonte: Dados da pesquisa (2022).

As categorias foram dispostas em apresentação de atletas e modalidades/prática de sucesso com os jovens, que representa 13% (38 inferências); extra olimpíadas com 23% (66 inferências); conquista e a apresentação de resultados, representando 51% (150 inferências); finalizando com a categoria construção do herói, que representa 13% (38 inferências), distribuindo, dessa forma, as reportagens do jornal relacionadas aos esportes surfe e skate durante os Jogos Olímpicos de Tóquio/2020.

3.1 Apresentação de atletas e modalidades/Prática de sucesso com os jovens

Esta categoria tem como objetivo a apresentação dos atletas participantes e as novas modalidades adicionadas nesta edição dos jogos, o surfe e o skate, além de demonstrar que estas duas práticas possuem grande representatividade com o público jovem. Durante o pré-evento, as primeiras inferências exemplificam de forma simples as duas modalidades e com mais complexidade os principais atletas com chances de medalhas, como Rayssa Leal, Pâmela Rosa, Letícia Bufoni, Pedro Barros e Felipe Gustavo, no skate, nas modalidades *park* e *street*, também revelando que o esporte será a única delegação com 20 peças no uniforme, seguindo o processo histórico percorrido pelos skatistas que “faziam do estilo de vestir uma forma de se diferenciarem dos mais adultos ou de pessoas que não estavam envolvidas a esta prática cultural” (BRANDÃO, 2009, p. 337).

Da mesma forma, por outro lado, o surfe é apresentado através de seus principais atletas como Ítalo Ferreira, Gabriel Medina e Tatiana Weston-Webb, adicionando o favoritismo que o Brasil possuía na competição, na delegação que foi constituída por 20 homens e 20 mulheres. Tatiana é apresentada com um destaque especial em outras inferências, por se tratar de uma atleta do estado do Rio Grande do Sul, com reportagens encontradas nas páginas 3, 4, 28 e 39 do dia 19, 21 e 23 de julho de 2021.

Semelhante à apresentação dos atletas, o jornal proporciona um maior conhecimento sobre como seria disputada cada modalidade. O skate, por sua vez, divide-se em duas categorias: *park* e *street*; a primeira com o objetivo de percorrer um percurso, em que suas manobras são avaliadas em diferentes detalhes; e a segunda, recebendo pontuações baseadas na dificuldade e originalidade de seus truques. O surfe, em sua estreia nos Jogos, foi dividido em baterias e *rounds* nas suas fases iniciais, classificando assim os melhores de cada chave para as quartas de finais. Após a disputa, transformou-se em um embate de atleta *versus* atleta, conforme página 11 do dia 23 de julho de 2021.

Figura 2 – Reportagem Jornal Zero Hora do dia 23 de julho de 2021, página 11.

TÔQUIO 2020

MINIGUÍ OLÍMPICO

NATAÇÃO
Em cada piscina, as nadadeiras com os melhores tempos vão avançando na competição. A maratonista Helen Lima eliminatória, semifinal e final. Ao todo, são 15 provas (1 masculino, 17 feminino e uma mista).
• Entre 24 de julho e 19 de agosto

PROVAS 50m, 100m, 200m, 400m, 800m e 1500 m livre; 100m e 200m costas; 100m e 200m peito; 100m e 200m borboleta; 200m e 400m medley; 400m e 800m livre; 800m medley; 400m medley misto; maratona 10km

MEDALHAS BRASILEIRAS
1952 – Tatyana Olesenko (branco; 1500m livre)
1968 – Manoel dos Santos (laranja; 100m livre)
1980 – Cyro Zangiacomi (laranja; 100m livre)
1984 – Ricardo Prado (prata; 400m medley)
1992 – Gustavo Borges (prata; 200m livre)
1996 – Gustavo Borges (prata; 200m livre e ouro; 100m livre) e Fernando Scherer (branco; 50m livre)
2000 – Fernando Scherer, Fernando Scherer, Carlos Jayme, Eduardo Villela (branco; 4x100m livre)
2004 – César Cielo (ouro; 50m livre; bronze; 100m livre)
2008 – Thiago Pereira (prata; 400m medley) e César Cielo (branco; 50m livre)
2016 – Rafael Oliveira (branco; maratona)

SOFTBOLE
Competido apenas feminino, as seis partidas se realizaram em três dias. Os dois primeiros avançam para a disputa da medalha de ouro e prata e o quarto vaga em busca da medalha de bronze.
• Entre 24 de julho e 7 de agosto

TAEKWONDO
Serão oito competições entre masculino e feminino (1 masculino eliminatória, nove que podem passar para as finais) e a chance de ganhar o ouro por equipes.
• Entre 24 e 27 de julho

MEDALHAS BRASILEIRAS
2008 – Natália Falavigna (branco; peso médio)
2016 – Natália Falavigna (branco; peso médio)

VÔLEI
São 12 seleções divididas em dois grupos de seis países (masculino e feminino). Todos jogam contra todos com os quatro melhores de cada classe garantindo a classificação para as quartas de final. A partir daí, jogos eliminatórios até a final.
• Entre 24 de julho e 8 de agosto

Grupos masculinos
A – Japão, Itália, Itália, Venezuela, Canadá e Cuba
B – Brasil, Rússia, França, Argentina, EUA e Turquia

Grupos femininos
A – Brasil, Japão, Sérvia, Coreia do Sul, República Dominicana e Quênia B – China, EUA, Rússia, Itália, Argentina e Turquia

MEDALHAS BRASILEIRAS
1996 – Fabiana Freire e Márcia Rodrigues (prata)
2000 – Adriana Behar e Silvana Bello (prata); Zé Nazare (prata) e Ricardo Azeiteiro (prata); Silvana Freire e Adriana Behar (prata)
2004 – Fabiana Freire e Márcia Rodrigues (prata); Emerson Rago e Emerson Azeiteiro (prata); Adriana Behar e Silvana Bello (prata)
2008 – Fabiana Freire e Márcia Rodrigues (prata); Emerson Rago e Emerson Azeiteiro (prata)
2012 – Emerson Rago e Alison Cerutti (prata); Juliana Silveira e Larissa França (branco)
2016 – Bruno Schmidt e Alison Cerutti (ouro); Agatha Bednarczuk e Bárbara Seixas (prata)

VÔLEI DE PRAIA
São 26 atletas em seis grupos, mas quatro de países se enfrentam dentro das chaves 16 de países, sempre para a fase eliminatória.
• Entre 24 de julho e 7 de agosto

MEDALHAS BRASILEIRAS
1996 – Sérgio Sobrinho e Sérgio Sobrinho (ouro); Adriano Sampaio e Márcia Rodrigues (prata)
2000 – Adriana Behar e Silvana Bello (prata); Zé Nazare (prata) e Ricardo Azeiteiro (prata); Silvana Freire e Adriana Behar (prata)
2004 – Fabiana Freire e Márcia Rodrigues (prata); Emerson Rago e Emerson Azeiteiro (prata); Adriana Behar e Silvana Bello (prata)
2008 – Fabiana Freire e Márcia Rodrigues (prata); Emerson Rago e Emerson Azeiteiro (prata)
2012 – Emerson Rago e Alison Cerutti (prata); Juliana Silveira e Larissa França (branco)
2016 – Bruno Schmidt e Alison Cerutti (ouro); Agatha Bednarczuk e Bárbara Seixas (prata)

SURFE
Serão 20 atletas de cinco gêneros em cada modalidade (masculino). Eles serão divididos em dois grupos de dez atletas, sendo o melhor de cada grupo com o primeiro e segundo colocados avançando diretamente para a final. Os terceiros e quarto colocados serão eliminados e vão para o ranking. Nesta fase de reportagem, serão duas modalidades de competição, com os dois primeiros colocados avançando para a final. A partir daí, disputas de prata e bronze até a final.
• Entre 25 de julho e 19 de agosto

TÊNIS DE MESA
A competição ocorre com formato de eliminatória até a medalha de prata.
• Entre 24 de julho e 6 de agosto

TIRO COM ARCO
Apresenta dois tipos de competição: individual e por equipes. A competição ocorre em duas fases: a primeira é a classificação final de medalhas. A prova de equipes usa os resultados de ambas as modalidades de classificação da competição individual.
• Entre 24 de julho e 31 de julho

TIRO ESPORTIVO
As competições de rifle e pistola acontecem com ataques fechados, com ataques de movimento para as modalidades de rifle e de movimento para as modalidades de pistola. Conforme o resultado, os atletas avançam para a final de medalhas. A prova de equipes usa os resultados de ambas as modalidades de classificação da competição individual.
• Entre 24 de julho e 31 de julho

RUGBI SEVENS
No masculino e no feminino (7 jogadores em cada), as seleções são divididas em três grupos de quatro. Os dois melhores avançam para as quartas de final, sendo o terceiro colocado eliminado até a final.
• Entre 26 e 31 de julho

SALTOS ORNAMENTAIS
Todos competem em dois locais. As melhores notas ganham as medalhas.
• Entre 30 de julho e 7 de agosto

SKATE
Dentro da nova modalidade olímpica, há duas categorias: park e street. No segundo, os atletas têm um peso e peso para se montar o skate, avaliado por um júri, conforme o estilo, criatividade, originalidade, execução e composição. No park, os atletas são avaliados pela dificuldade e originalidade de seus truques. Em ambas, a classificação é determinada pela pontuação.
• Entre 25 de julho e 19 de agosto

VELA
Cada classe competirá em 10 ou 12 barcos de longo de quatro ou cinco dias. O vencedor de cada categoria ganha um ponto, a segunda lugar dois pontos e assim por diante, com o vencedor ganhando seis pontos. Os 10 primeiros – apenas com as pontuações mais baixas – avançam para a regata pela medalha, que terá o dobro de pontos e mais.
• Entre 25 de julho e 4 de agosto

MEDALHAS BRASILEIRAS
1988 – Roberto Costa e Roberto Costa (branco; 470) e Alexandre Vetter e Luis Espinosa (ouro; 470) e Alexandre Vetter e Luis Espinosa (ouro; 470)
1996 – Torben Grael, Daniel Adler e Renato Cavalli (prata; 470)
1998 – Torben Grael e Robson Patrão (ouro; 470); Luis Cavalli e Cláudio Pimenta (branco; 470)
1996 – Torben Grael e Márcia Freire (ouro; 470); Robert Schmidt (ouro; 470)

Fonte: Dados da pesquisa (2022).

O problema com ênfase apresentada na pré-cobertura foi a incerteza sobre as condições do mar na data de estreia oficial do surfe. Os surfistas Gabriel Medina e Ítalo Ferreira demonstraram suas opiniões sobre as ondas na praia de Tsurigasaki, local em que seria realizada a competição. Ambos relataram que ondas baixas dificultam a qualidade do evento, entretanto acreditavam que a mudança do tempo traria consigo ondas maiores, conforme reportagem encontrada nos dias 24 e 25 de julho de 2021. Seguindo o mesmo roteiro do evento realizado em 2019, onde os organizadores testaram toda a estrutura nos moldes dos Jogos Olímpicos, da mesma forma, ondas pequenas entre 1 e 1,5 metros foram surfadas, acrescentando que a competição seria mais voltada à técnica (TARRANT, 2019), corroborando com a pesquisa realizada por Fogliatto e Marques (2020), que observam a resistência dos praticantes do surfe e skate ao ingresso das modalidades nos Jogos, principalmente relacionadas com o local que seria disputada a competição, simulando os dois espaços que ambas as práticas utilizam, as pistas e o mar, sendo uma afronta à história dos praticantes.

De acordo com a reportagem do dia 26 de julho, na página 24, fica clara a intenção do Comitê Olímpico Internacional com a inclusão dos novos esportes, qual seja, a de aproximar os Jogos Olímpicos e as práticas de sucesso aos jovens. Os esportes radicais, segundo Brandão (2009), inauguram um novo modo de viver, com formas renovadas de pensar, sentir e agir, ressignificando o meio social ao seu redor, tornando-se presentes em diferentes esferas da cultura, alterando características da realidade, possibilitando mais relações prazerosas e lúdicas, trazendo consigo uma proposta diferenciada de exercícios físicos, mudando a classificação convencional do que chamamos de “esporte”. Similarmente, a reportagem apresentada no pós-evento do dia 17 de agosto, na página 33, reflete essa ideia de inclusão de novas modalidades radicais e conectadas à natureza, para os próximos Jogos de Paris 2024, além da inclusão dos esportes virtuais.

De maneira geral, um dos focos principais do Jornal Zero Hora/RS em relação às novas modalidades, acrescentadas nos Jogos Olímpicos de Tóquio/2020, foi apresentá-las durante o período do pré-evento, demonstrando como seriam divididas suas respectivas competições. Igualmente, foi observada, com grande destaque, a introdução dos principais atletas de cada modalidade, com chances de medalhas, principalmente para o público em geral que possui pouco conhecimento sobre o surfe e o skate, para que entendesse suas nuances e criasse apelo e carinho aos principais nomes do esporte, além de exemplificar que estas novas modalidades foram introduzidas com o objetivo de rejuvenescer os Jogos, cativando, assim, os jovens.

3.2 Extra olimpíadas

Os atletas têm como objetivo principal competir em suas respectivas modalidades, buscando a glória de sair dos Jogos Olímpicos com uma medalha no peito, entretanto outras questões acabam entrando em jogo, podendo ser algo benéfico ou prejudicial ao desempenho. Seguindo essa ideia, a presente categoria objetiva apresentar questões não relacionadas aos Jogos, contudo associados ao surfe e skate. O jornal, na reportagem do dia 19 de julho, na página 27, informa que o Comitê Olímpico Brasileiro vetou que a esposa do surfista Gabriel Medina viajasse para Tóquio como sua acompanhante, apenas um treinador de surfe profissional foi permitido.

Figura 3 - Reportagem Jornal Zero Hora do dia 19 de julho, página 27.

JORNADA ESPORTIVA

ZERO HORA, SEGUNDA-FEIRA, 19 DE JULHO DE 2021 27

JOGOS OLÍMPICOS

NA MALA, BRONCA COM O COB

RODRIGO OLIVEIRA
rodrigo.oliveira@globo.com.br
De São Paulo

Vetada pelo Comitê Olímpico do Brasil (COB) de viajar com o surfista Gabriel Medina para Tóquio, a modelo Yasmin Brunet disse ter certeza de que o marido será o primeiro campeão olímpico da história do surf. Em entrevista a ZH no aeroporto de Cumbica, em Guarulhos, na noite de sábado para domingo, a carioca de 33 anos desabafou contra a entidade e demonstrou otimismo em relação à performance do Brasil na estreia da modalidade em Jogos.

— Ele (Medina) nunca teve um início de ano tão bom como em 2021. Está tudo certo para ele conseguir este primeiro título e trazer o ouro para o Brasil — disse Yasmin.

Apesar dos bons resultados nas primeiras etapas do Circuito Mundial, Gabriel Medina, 27 anos, envolveu-se em uma polêmica com o COB, que vetou credencial para Yasmin Brunet entrar no Japão. O surfista pretendia levar a esposa como sua acompanhante nos Jogos, mas a entidade exigiu que o atleta viajasse apenas com um treinador de surf profissional.

— Fiquei surpresa (com a negativa) porque as desqualificações (do COB) foram inacreditáveis. Eu até fiz um curso de coach (técnico) de surf. É algo que ninguém tem no surf, mas eu fiz, já que eles estavam falando com isso. Mas, mesmo com esse curso, eles disseram que eu não poderia ir — reclamou Yasmin.

Medina reclamou do “desrespeito” da entidade, já que a surfista gaúcha Tatiana Weston-Webb levará o noivo, o também surfista Jesse Mendes, como seu treinador.

Desde o começo, a Yasmin tem me ajudado, mas infelizmente ela não está indo comigo. Tem sido o meu melhor ano de resultados, mas infelizmente não me ajudaram nisso. Não tem uma explicação clara (para Yasmin não ir). Na verdade, eu iria ficar surpresa era se o COB me ajudasse — desabafou o surfista, que estará em Tóquio acompanhado do técnico australiano Andy King.

Companhia

Desde que rompeu com o antigo treinador, o parágrafo Charles Santana, e acabou cortando relações com a própria mãe, por razões particulares, Medina viaja sempre com

Yasmin para todas as etapas do Circuito Mundial de surf. Mesmo que ela não seja uma treinadora profissional, a companhia da modelo nas grandes competições é considerada fundamental pelo surfista paulista.

Apesar da distância da família e da esposa por cerca de 15 dias até a bateria final do surf nos Jogos Olímpicos, Yasmin segue confiante de que o marido voltará ao Brasil com a medalha de ouro.

— A minha ausência será uma dificuldade, mas ele é incrível. E o melhor e vai trazer o ouro — finalizou.

O surfista será disputado entre 25 de julho e 1º de agosto, na praia de Tsurigasaki.

“BOM SINAL”. DIZ SURFISTA SOBRE ONDAS GRANDES

A chegada de um tufo no Oceano Pacífico, prevista para os próximos dias, pode favorecer Medina. O fenômeno deve aumentar o tamanho das ondas da praia de Tsurigasaki, palco das provas de surf nos Jogos Olímpicos de Tóquio. Acostumado a surfar ondas grandes no circuito mundial, o paulista acredita que pode se beneficiar das condições meteorológicas.

— Gosto (de ondas grandes). Fiquei sabendo das tufoes, e isso para mim é um bom sinal, porque dá ondas maiores e mais fortes. Essas são as condições em que eu gosto de competir — declarou Gabriel Medina a ZH.

Marcada por ondas pequenas, as praias japonesas em tese seriam um desafio para os brasileiros Gabriel Medina e Italo Ferreira, acostumados com as ondas grandes do Havaí e das outras etapas do circuito mundial. Contudo, a chegada do tufo pode aumentar as chances de uma medalha brasileira.

— Esse é o nosso objetivo. Vamos fazer o nosso melhor e, se Deus quiser, chegar à final e levar medalha para casa. Se Deus quiser, uma de ouro e uma de prata — completou o surfista.

DOIS CASOS DE DOPING NO BRASIL

O Brasil sofreu neste final de semana duas baixas na delegação dos Jogos Olímpicos — uma definitiva e a outra provisória. Chuteira, o gaúcho Fernanda Borges, do lançamento do disco, que teve o doping anunciado no início de julho e ainda estava inscrita para as Olimpíadas pois aguardava julgamento, foi oficialmente retirada da lista.

No sábado, Fernando Reis, da categoria acima de 109kg de levantamento de peso, também foi cortado após seu caso de doping ser confirmado. O atleta deve solicitar contrapova.

BRENNO TESTA NEGATIVO E VIAJA

O técnico André Jardine ganhará mais um reforço na preparação da seleção olímpica em Tóquio. O goleiro Brenno, do Grêmio, que havia permanecido em Belgrado após seu teste de covid-19 dar positivo, no dia do embarque da delegação, conseguiu o aval para viajar rumo à cidade-sede dos Jogos Olímpicos.

O jogador de 22 anos testou negativo para o vírus pela segunda vez consecutiva. As autoridades do Japão exigem dois testes negativos para liberarem a entrada de pessoas em solo japonês. Brenno é aguardado para chegar amanhã de manhã.





Fonte: Dados da pesquisa (2022).

Conforme reportagem durante o evento do dia 25 e 26 de julho, nas páginas 4 e 25, o atleta brasileiro Kelvin Hoefler utilizou um jogo virtual de guerra, para compensar a falta da torcida nos Jogos Olímpicos. Ele comentou que o jogo *Free Fire* ajudou a se fortalecer na competição, através do carinho recibo por mensagem dentro do jogo e nas redes sociais. De acordo com Morão *et al.* (2016), os avanços tecnológicos possibilitaram uma maior adesão das pessoas com os meios virtuais, trazendo vantagens e facilidades, podendo influenciar em fatores da prática esportiva, como a concentração e foco dos atletas.

Assim, também se pode observar, em reportagem do dia 25 de julho, na página 4, que a maranhense Rayssa Leal, favorita para ganhar medalhas nos Jogos Olímpicos, praticava, além do skate o futebol, em escolinha conveniada do Grêmio, clube de futebol profissional do Rio Grande do Sul, dividindo a rotina das pistas com treinos nos campos. Essa utilização de outros esportes de forma recreativa e lúdica auxilia no aprimoramento motor e no ritmo geral, desenvolvendo capacidades de coordenação, velocidade e flexibilidade, construindo assim o próprio repertório motor (OLIVEIRA; PAES, 2004).

Durante o evento, uma reportagem de um colunista do Jornal, do dia 27 de julho, na página 4, demonstra, a partir do velho ditado que diz que “as aparências enganam”, a história da skatista Pâmela Rosa, depois de não conseguir completar suas manobras e de duas quedas, tendo um desempenho muito abaixo do esperado. A performance demonstrada por ela levou à indagação de que tinha “amarelado”, sentido a pressão do momento; entretanto, depois de foto postada nas redes sociais, foi possível uma maior compreensão dos acontecimentos, que revelou que a atleta estava competindo com uma entorse no tornozelo.

De forma semelhante, na reportagem do dia 28 de julho, na página 8, outro colunista comenta sobre o sucesso da modalidade, através de sua história quando criança na construção de um skate improvisado, com o auxílio de patins, aprendendo, assim, que a prática nasce como filho da urbanização, sendo um triunfo da criatividade juvenil, inaugurando “uma nova forma de se relacionar com os espaços urbanos, sendo popularizados nestes ambientes a partir da década de 1960” (FOGLIATTO; MARQUES, 2020, p. 40). Nesse período, o skate passa a ser de maneira mais coesa apropriado pelos jovens no meio urbano, criando formas de explorar o ambiente e produzindo novas sensações (OLIC, 2014).

A alegria que os atletas do skate proporcionaram na torcida para seus companheiros de prática foi um tema abordado na reportagem do dia 28 de julho, na página 29. As vivências de um mundo guiado pelo competitivo acabam afetando momentos em que a amizade, humildade e empatia se sobressaem na disputa, na qual a convivência e competição não transformam adversários em inimigos, promovendo, através do esporte, valores inerentes, mas muitas vezes esquecidos pelos seres humanos. Segundo Olic (2014), a questão da amizade, do companheirismo e do se divertir acima de tudo estão vinculados ao espírito *for fun*, estando em contato direto com a essência skatista, encarando a prática de forma lúdica.

Rayssa Leal, além de conquistar a medalha olímpica, também foi escolhida para participar do prêmio internacional *Visa Awards*, que buscava premiar os atletas que representaram melhor os valores olímpicos, ganhando o mesmo a partir de votação popular, conforme reportagens dos dias 6 e 13 de agosto, nas páginas 6 e 28. Após o término das Olimpíadas, no pós-evento, o jornal cobriu de forma simples os resultados do Circuito Mundial de Surfe e o cancelamento de uma das etapas da Liga Mundial de Surfe (WSL).

Relacionado à categoria extra olímpicas, de maneira geral, o Jornal fez uma cobertura de diferentes casos que possibilitaram discussões acerca de problemas inerentes enfrentados nos Jogos, como o veto da participação de acompanhantes familiares do surfista Gabriel Medina e os juízes do sofá que tiraram conclusões precipitadas sem o total conhecimento dos fatos da sociedade. A tecnologia e redes sociais a favor dos profissionais, devido ao momento

conturbado, recorrem a esses recursos para elevarem a moral e o desempenho nas competições, com prêmios ganhos após os Jogos, uma continuação, mesmo que de forma simples, da cobertura do surfe e skate após os Jogos Olímpicos de Tóquio/2020.

3.3 Conquistas e a apresentação de resultados

A categoria representa todas as conquistas dos atletas brasileiros nos Jogos Olímpicos, ênfase especial para aqueles que conseguiram sair de Tóquio com a medalha no peito, além das vitórias e derrotas enfrentadas em fases anteriores às finais. As primeiras reportagens celebram a conquista da medalha de prata do paulista Kelvin Hoefler, sendo o primeiro brasileiro a subir no pódio de Tóquio em uma modalidade estreante, o skate, e o avanço dos surfistas do país às oitavas de finais da competição, conforme reportagens dos dias 25 e 26 de julho, nas páginas 4, 7 e 25.

Seguindo a cobertura do Jornal sobre os Jogos, no dia 26 de julho, na página 3, é apresentada a conquista de outra medalha de prata para o skate, desta vez no feminino, através da maranhense Rayssa Leal, de 13 anos, que impressionou a todos pela tranquilidade e alegria demonstrada durante a competição. No surfe, os brasileiros conseguiram avançar para as quartas de finais, confirmando o favoritismo para conquista da medalha de ouro. A organização dos Jogos Olímpicos também antecipou as finais da categoria, para que ocorresse com o mar na melhor condição possível, conforme reportagem do dia 26 de julho, na página 6.

Em destaque especial na capa do jornal, na edição do dia 27 de julho, Rayssa Leal aparece comemorando a conquista da medalha de prata histórica, tornando-se a atleta brasileira mais jovem a subir no pódio. De maneira idêntica, Fadinha como é conhecida, a skatista estampa a capa do caderno de esportes, igualmente observado na edição dos dias 27 e 28 de julho. Ítalo Ferreira, por sua vez, figura na capa do jornal Zero Hora e no caderno especial da cobertura das Olimpíadas de Tóquio, como ganhador da primeira medalha de ouro nos Jogos.

Figura 4 - Capas do Jornal Zero Hora, Caderno de Esportes e o Caderno Especial da cobertura da Olimpíadas dos dias 27 e 28 de julho de 2021.



Fonte: Dados da pesquisa (2022).

Os Jogos Olímpicos não foram isentos de controvérsias. Por exemplo, na disputa da semifinal do surfe, Gabriel Medina acaba sendo derrotado pelo japonês Kanoa Igarashi; entretanto, uma polêmica em relação às notas que os juízes distribuíram para manobras parecidas gerou descontentamento do atleta brasileiro, favorecendo, assim, o atleta local. O atleta brasileiro reclamou também da subjetividade nos critérios de avaliação das ondas, ressaltando o julgamento humano realizado pelo árbitro, sendo que, “apesar de descrições detalhadas dos critérios de julgamento, muitos fatores podem influenciar no processo de pontuação” (PEIRÃO; SANTOS, 2012, p. 440), o que se pode conferir na reportagem do dia 28 de julho, na página 29.

A primeira medalha de ouro do Brasil nos Jogos Olímpicos veio do mar. O atleta Ítalo Ferreira conquista de forma dominante o topo do pódio, em uma modalidade estreante nos jogos, vencendo o japonês na final e se tornando o primeiro medalhista olímpico do surfe. O êxito “nos Jogos Olímpicos mede-se pelas medalhas obtidas, em particular pelas medalhas de Ouro” (ALMEIDA, 2014, p. 84), conforme reportagem do dia 28 de julho, na página 28.

De acordo com as reportagens do dia 31 de julho e 1 de agosto, o Jornal recria o alfabeto de A a Z, em que cada letra representa algo relacionado aos Jogos, com o objetivo de fazer um balanço do que ocorreu nos primeiros 10 dias de competições; e a letra A, de amém, constituía o lema de Ítalo, primeiro campeão olímpico do surfe. A letra J simbolizava os juízes que causaram revolta aos brasileiros em dois casos separados, um envolvendo o surfe, pelos critérios de notas aplicadas em manobras similares; o K, por sua vez, referenciou a medalha conquistada pelo skatista Kelvin Hoefler no skate categoria *street*.

Em reportagem do dia 4 de agosto, na página 3, é dada evidência à grande campanha das atletas femininas nas Olimpíadas, superando o resultado anterior em Pequim 2008, em relação à quantidade de medalhas conquistadas. Parte dessa história estava relacionada com a skatista Rayssa Leal, que subiu ao pódio e recebeu a prata no *street*. Entretanto as brasileiras que disputaram a categoria *park* foram eliminadas da competição, deixando as pistas de Tóquio satisfeitas com a experiência adquirida na competição, conforme a reportagem do dia 4 de agosto, na página 6.

No masculino, na categoria *park*, Pedro Barros conquista o segundo lugar, se juntando a Rayssa Leal e Kelvin Hoefler, como medalhistas de prata; contudo, por pouco, outro brasileiro não subiu ao pódio para receber o bronze. Luiz Francisco ficou apenas a um ponto da conquista. Ambos celebram a grande participação inaugural do skate nos Jogos Olímpicos, conforme reportagem do dia 5 de agosto, na página 2. As modalidades que fizeram suas estreias nesta edição dos Jogos contribuíram para a melhor campanha brasileira, conseguindo o maior número de medalhas, 21 ao total, uma medalha de ouro no surfe e três pratas no skate. O Brasil saía de Tóquio com campanha histórica, como ilustra as reportagens dos dias 5, 7, 8, e 10 de agosto, respectivamente, nas páginas 6, 35, 5, 23 e 28.

De acordo com a cobertura que o jornal fez dos Jogos, relacionada à categoria de conquistas e apresentação de resultados, o surfe e o skate, como modalidades estreantes, obtiveram papel fundamental como protagonistas na melhor campanha da história do país, com um ouro e três pratas, no total de 21 medalhas. Inesperadamente, aparece com destaque a polêmica gerada em torno das notas e dos árbitros na eliminação do surfista Gabriel Medina,

contudo a delegação brasileira trazia a melhor campanha até então em Jogos Olímpicos, alavancada pelos novos esportes incluídos nesta edição.

3.4 Construção do Herói

Segundo Feltes *et al.* (2020), o conceito de herói é apresentado como um benefício para o próximo, redimindo a sociedade dos seus problemas, um indivíduo que independente dos obstáculos enfrentados, mesmo que intransponíveis, retornará vitorioso. Acrescentando, Amaro e Helal (2014, p. 3) relatam que o herói “enquanto figura paradigmática, está presente em várias esferas sociais: no mundo das artes e dos esportes, principalmente. O esporte produziria mais heróis devido a seu caráter agonístico”, formado por características diferenciadas, destacadas pelo sucesso e vitórias alcançadas pelo esforço. A partir dessa perspectiva, a categoria visa relatar a cobertura do jornal baseado na construção midiática do herói nos Jogos Olímpicos.

Primeiramente, o Jornal Zero Hora, durante o pré-evento, em reportagem dos dias 17 e 18 de julho, na página 35, previamente agendava a vitória de Gabriel Medina na modalidade, utilizando conotações como “fenômeno das ondas”, delineando fatos marcantes na carreira como surfista profissional, principalmente em relação a seus feitos anteriores – duas vezes campeão mundial, sendo o brasileiro mais jovem a ingressar na elite do surfe, além de contar sua história de superação junto à família, uma criança pobre que através da busca de um sonho e a ajuda certa alcançava o maior patamar de um atleta, com o objetivo de explorar sua trajetória e “capacidade de se tornarem referência para o leitor - apresentando e abordando seus caminhos, suas batalhas, suas vitórias, suas derrotas etc. para projetar uma vinculação com aquele que está de espectador” (FELTES *et al.*, 2021, p. 2).

Figura 4 - Reportagem Jornal Zero Hora do dia 17 e 18 de julho, página 35.

TÓQUIO 2020

GABRIEL MEDINA

FENÔMENO DAS ONDAS

BICAMPEÃO DO CIRCUITO MUNDIAL E ATUAL LÍDER DO RANKING. O PAULISTA CRIOULHO EM MARESIAS É GRANDE FAVORITO A CONQUISTAR O OURO NA ESTREIA DO SURFE NOS JOGOS OLÍMPICOS

LEONARDO OLIVEIRA
ISSAQUE OLIVEIRA/REUTERS/GETTY IMAGES



As façanhas

O surfista de Maresias foi o brasileiro mais jovem a ingressar na elite de surf mundial e também o primeiro a conquistar o título de CO em 2014. Em 2018, foi bicampeão. Aos 27 anos, já venceu 18 etapas do circuito mundial neste temporada, que inicia em março.

Pré-olímpico

Prata de Tsurigaasaki, em Chiba, a 65 km de Tóquio. Lá, Gabriel Medina fez o que, no mundo das pranchas, poucos fazem: surfar na água. É assim que o surfista supera os zozos das ondas. Gabriel está nesse segundo grupo. Aos 27 anos, o bicampeão mundial e atual líder da WSL surfou uma onda perfeita na praia e nota dez em um teste técnico finalizado. Para que você entenda esse contexto, é preciso contar a história das Maresias. Ela está dividida em antes e depois da pandemia. Vamos decifrar isso.

Cidade em Maresias, no litoral paulista, Medina tem um roteiro de vida que estamos acostumados a ver em jogadores de futebol: infância com dificuldades, superado na glória. O garfo é o fruto de um relacionamento rápido de Simone Medina e Carlos Assis Ferreira. Quando o filho completou um ano, os dois decidiram morar juntos. Um segundo filho, Felipe, veio. O amor, não. A separação não tardou.

Simone se viu sozinha e com dois filhos pequenos. Passou a fazer refeições para se sustentar. Gabriel viveu o principal alimento, em tempos bons. Um certo dia, percebendo o cuidado dispensado, garantiu de carne e voltou com alguns trocados. A mãe coaginou ao imaginar o garoto desajeitado driblando. Desabriu-se em lágrimas ao ouvir o filho contar de onde tinha vindo aqueles poucos reais.

— Era só que ossem falando algumas coisas, daí fui cuidar de uns carros e juntei algumas latas para vender.

Quando Gabriel estava com oito anos, Simone passou a morar no de uma pequena loja de surf em Maresias. O momento logo virou casamento. Carlos preferiu o filho que sempre quis ter. Gabriel, o pai que nunca teve de verdade. O mar criou uma conexão entre os dois. Foi o primeiro quem via, primeiro, a vocação no garfo. Na primeira vez em que foram à praia, empunhou a sua prancha. Logo observaram alguns sinais de dom para o sur-

fe. Gabriel havia surfado poucas vezes antes. Mas se ele quer e pega ondas com naturalidade. Em uma reunião de família, Carlos garantiu que alistar um filho. Simone reagiu prate e riu, como não era momento de prosa. A família acabou. Almas de Carlos, o pai chamado de pai, como técnico, a mãe, o irmão, Felipe, e irmã caçula, Sofia, estiveram ao lado da mãe torcendo por ele. Mas aí veio a pandemia. A quarentena mudou o estilo de vida de Medina. Ele não surfava, ela teve efeito de uma onda gigante. Em março de 2020, ele conheceu Yasmin Bruner, cinco anos mais velha, filha de um modelo Luiz Bruner e recém-separada. Ela, depois de uma orientação para confinamento por causa da pandemia, Yasmin foi passar um fim de semana na casa de Gabriel — esse fim de semana dura até hoje.

Os gênios de mar e água não ficaram sózinhos. O surfista se destacou de todos. A crise ficou pública quando Gabriel e Yasmin se casaram, em dezembro, no Hawaii. Sem saber a família do surfista. Nesse ano, Gabriel anunciou que Yasmin deixaria de ser sua técnico. Oficialmente, passaria a se concentrar no treinamento da caçula, Sofia. Lá, em agosto, ele anunciou no circuito feminino. Desde abril, Gabriel é treinado pelo australiano Andy King.

Condições não são, esse é seu melhor começo de temporada. Lidou com Ego e marketing mundial. Em dois etapas, disputou quatro finais e levou duas delas. Yasmin é quem o acompanha nas viagens, cuida de sua alimentação e das estatísticas dos adversários. Gabriel, aos 27 anos, se fez. Está apaixonado. Um apaixonado que seu pai conheceu em 2008 e abriu uma exceção e permitiu que leve a viajar para os Estados Unidos — o primeiro de um acompanhamento apertado e esse seria o técnico. Então, esse casamento foi que começou na prancha e no surf de levar o primeiro ouro do surf olímpico.

Família

Os resultados logo vieram. Primeiro em Maresias, depois em outros pontos de São Paulo. Em 2009 veio o grande salto. Gabriel com 15 anos, fechou contrato com a Big. Chegou cedo a Adidas do mar, e ganhou um cheque financeiro para buscar um lugar onde se profissionalizar. A primeira disputa foi uma etapa da WQS, a divisão de acesso do surf mundial. No final, foi o cariense Neco Padua, uma das lendas do surf brasileiro. De Medina venceu por uma diferença de mil no litoral e o nome conhecido. Nunca alguém tão jovem havia ganhado uma etapa da WQS. Mas depois, ele venceu um torneio em Hosonago, na França, que reúne os melhores jogadores do mundo.

Em 2011, Gabriel brilhou em mais algumas etapas da WQS.

Fonte: Dados da pesquisa (2022).

A skatista Rayssa Leal surgia como uma das grandes estrelas dos Jogos Olímpicos, conquistando a medalha de prata no skate e sendo a medalhista mais jovem na história do país, com apenas 13 anos, foi considerada um fenômeno precoce desde os seis anos, aprendendo tudo sozinha com auxílio de vídeos de seus ídolos e repetindo as manobras, demonstrando sua calma e desempenho através de danças durante a competição. Segundo Amaro e Helal (2014), o sucesso do herói brasileiro é formado por vezes de algumas características peculiares, destacados por vitórias sem esforço, vinculados principalmente pelo talento nato dos atletas, como apresenta a reportagem do dia 26 de julho, página 2.

Seguindo a cobertura do jornal, em reportagem do dia 27 de julho, páginas 22 e 23, Rayssa, a partir do título da matéria, é autoproclamada “imperatriz do Brasil”, devido ao feito gigantesco alcançado nos Jogos Olímpicos, deixando um legado para outras meninas que terão nela a inspiração para iniciarem na prática do skate, superando o preconceito de uma sociedade conservadora, seguindo esse padrão, auxiliado pelo discurso midiático que “sempre abrangerá fatores predominantes, tais como: beleza, vestuário, aparência, comportamento ou maneiras”

(FELTES *et al.*, 2021, p. 5), dificultando o ingresso de meninas e mulheres em lugares e situações da sociedade que, de forma errônea, utilizam características fisiológicas para direcioná-las.

O surfista Ítalo Ferreira, que se consagrou o primeiro campeão olímpico na modalidade do surfe, apresenta uma infância de dificuldades, iniciando as práticas com uma tampa de isopor da caixa térmica de seu pai, possibilita a construção de um imaginário em torno do herói, gerando, assim, um ídolo cuja trajetória de vida enfatiza “sobremaneira a genialidade e o improviso como características marcantes e fundamentais para se alcançar o sucesso” (HELAL, 2003, p. 20), conforme reportagem do dia 27 de julho, na página 3.

Chegando ao Brasil, Rayssa Leal desembarcava com a medalha de prata em mãos, sendo considerada a “nova xodó do esporte nacional”, recebendo o carrinho do público, entretanto cancelando a programação de festa prevista, devido ao momento de pandemia vivido, conforme reportagem do dia 29 de julho, página 29. A vitória de Ítalo Ferreira no surfe e a conquista da medalha de ouro geraram a discussão sobre o potencial que o país poderia ter como uma potência olímpica, em que histórias de superação como a dele não se tornem padrões a serem seguidos, desconsiderando o descaso do governo e as desigualdades sociais enfrentadas, o que é mostrado na reportagem encontrada do dia 29 de julho, na página 5.

A partir da cobertura realizada pelo jornal, foi possível perceber que a imagem e história de um atleta possibilita diversas finalidades para a utilização dos meios midiáticos, disponibilizando discursos acerca das dificuldades enfrentadas em uma sociedade conservadora, até questões sobre desigualdades sociais, além da utilização da figura do herói na superação de desafios, tornando-se um símbolo de esperança, despertando a atenção do público e transformando-o em algo admirável.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve por objetivo analisar como foi realizada a cobertura esportivo-midiática que o Jornal Zero Hora realizou dos Jogos Olímpicos de Tóquio/2020 com foco nos esportes surfe e skate. As inferências encontradas durante a coleta de dados foram divididas em quatro categorias denominadas de: apresentação de atletas e modalidades/prática de sucesso com os jovens; extraolimpíadas; conquista e a apresentação de resultados; finalizando com a construção do herói.

A primeira categoria, denominada de apresentação de atletas e modalidades/prática de sucesso com os jovens, tinha como objetivo demonstrar como o jornal fez a cobertura de ambos

os esportes adicionados nesta edição dos Jogos Olímpicos, além das variações nas competições – no skate, o *park* e o *street* – enquanto no surfe, as baterias e *rounds* nas etapas iniciais e posteriormente os duelos atleta x atleta, os principais nomes que disputariam medalhas, condições ambientais que poderiam afetar na performance dos atletas e, por fim, a influência que ambas as modalidades atuam nos jovens. Continuando com a categoria extraolimpíadas, em que as questões não relacionadas com os Jogos foram abordadas, contudo associados ao surfe e skate, foram qualificadas, por exemplo, a proibição da participação como acompanhante da esposa de um atleta, o uso das redes sociais para a concentração, as opiniões dos chamados “juízes de sofá”, que sem a devida informação julgam o desempenho, a influência das novas modalidades no cotidiano e nas pessoas, e também o prêmio extra ganho pela skatista Rayssa Leal.

Pela categoria de conquista e a apresentação de resultados, o jornal cobriu principalmente as principais conquistas nas duas modalidades, um ouro no surfe e as três medalhas de prata no skate, além de problemas enfrentados em relações às notas distribuídas para as manobras, eliminando o surfista Gabriel Medina. Por fim, a construção do herói tinha como ênfase relatar as histórias dos atletas brasileiros de superação e destaque, montando no imaginário social a figura do herói.

A partir destes elementos, concluímos que o Jornal Zero Hora muitas vezes, de forma simples e sem tanto destaque, realizou a cobertura das modalidades estreadas no Jogos Olímpicos, simplificando questões técnicas, focando maior nas conquistas de medalhas dos principais atletas. Além disso, a influência que esses esportes geraram no imaginário dos colonistas, que expressaram, através de ideias e histórias próprias, relações com a realidade enfrentada nos Jogos. Assim, o tratamento das informações repassadas para os leitores do jornal continha principalmente a vitória como fator concomitante para o ingresso das reportagens.

5 REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, J. F. Jogos Olímpicos de Londres 2012: Fatores estruturais determinantes para a conquista das medalhas, patamares competitivos e o caso português. **Sociologia On Line**, n. 8, 2014.
- AMARO, F.; HELAL, R. G. Mídia, Esporte e Idolatria: o Jornal do Brasil e a representação dos atletas brasileiros nos Jogos Olímpicos. In: XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. **Anais...** Foz do Iguaçu, 2014.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BARTH, M.; SANFELICE, G. R. Apontamentos sobre a construção publicitária de Neymar no comercial “Um Novo Homem Todo Dia”. **Geminis**, v. 12, p. 202-221, 2022.

BARTH, M.; SANFELICE, G. R. Da publicidade ao mito: proposição de uma Análise Publímica. In: ASHTON, M. S. G. (Org.). **Diálogos Interdisciplinares: Indústria Criativa, Processos Culturais, Diversidade e Inclusão**. São Paulo: Pimental Cultural, 2021, p. 316-350.

BRANDÃO, L. A introdução dos esportes californianos no Brasil: apontamentos para o início de uma discussão. **Fronteiras**, v. 11, n. 19, p. 327-348, 2009.

BRANDÃO, L. Das ondas para o asfalto: uma história das relações entre o surfe e o skate. In: XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. Anais... São Paulo, 2011. DIJK, T. A. V. **La noticia como discurso: comprensión, estructura y producción de lainformación**. Barcelona: Paidós Comunicación, 1990.

FELTES, A. F. et al. A construção midiática do herói: a representação de Thiago Braz na Folha de São Paulo, nos Jogos Olímpicos Rio 2016. **Novos Olhares Sociais**, v.3, n. 1, 2020.

FELTES, A. F. *et al.* A Construção Midiática do Herói: a Representação de Rafaela Silva na Folha de São Paulo nos Jogos Olímpicos/Rio 2016. **Comunicação & Informação**, v. 24, p. 1-19, 2021.

FOGLIATTO, M. S. S.; MARQUES, J. C. Dropando sobre as pranchas: os impactos das transformações conceituais das práticas do surfe e do skate refletidos no anúncio do comitê olímpico internacional. **História: Questões & Debates**, v. 68, n. 37, p. 37-54, 2020.

HELAL, R. A construção de narrativas de idolatria no futebol brasileiro. **Alceu**, v. 4, n. 7, p. 19-36, 2003.

MACHADO, R. P. T. Uma aventura olímpica: Novas modalidades, novos desafios. Olimpianos. **Journal of Olympic Studies**, v. 1, n. 3, p. 220-231, 2017.

MEZZAROBA, C.; PIRES, G. L. Os Jogos Pan-Americanos Rio/2007 e o Agendamento Midiático-Esportivo: Um estudo de recepção com escolares. **Revista Brasileira de Ciência e Esporte**, v. 33, n. 2, p. 337-355, 2011.

MINUZZI, E.; MARIN, E. Jogos Olímpicos: da tradição antiga à produto moderno. In: VI Congresso Sulbrasileiro de Ciências do Esporte. **Anais...** Rio Grande: FURG, 2012.

MORÃO, K. G. et al. Redes Sociais virtuais e o contexto esportivo: alterações emocionais em atletas. In: IX Simpósio Nacional da ABCiber. **Anais...** São João da Boa Vista, 2016.

OLIC, M. B. Das ruas para os Jogos Olímpicos? Dinâmicas em torno da prática do skate. **Campos - Revista de Antropologia**, v. 15, n. 1, p. 75-96, 2014.

OLIVEIRA, V.; PAES, R. R. A pedagogia da iniciação esportiva: um estudo sobre o ensino dos jogos desportivos coletivos. **Revista Digital**, ano 10, n. 71, 2004.

PEIRÃO, R.; SANTOS, S. G. Critérios de julgamento em campeonatos internacionais de surfe profissional. **Revista Brasileira de Cineantropometria e Desempenho Humano**, v. 14, n. 4, 2012.

RUBIO, K. Jogos Olímpicos da Era Moderna: uma proposta de periodização. **Revista Brasileira de Educação Física Esporte**, v. 24, n. 1, p. 55-68, 2010.

SANFELICE, G. R. Campo midiático e campo esportivo: suas relações construções simbólicas. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 31, n. 2, p. 137-153, 2010.

SANTOS, T. P.; TERRA, A. P. M.; MEDEIROS, D. Jogos Olímpicos Tóquio 2020: uma análise correlata com a pandemia da COVID-19 e a vacinação. **DIGE - Direito Internacional e Globalização Econômica**, v. 7, n. 7, p. 167-182, 2020.

TAFFAREL, C. N. Z.; SANTOS JUNIOR, C. L.; SILVA, W. A. Megaeventos esportivos: determinações da economia política, implicações didático-pedagógicas e rumos da formação humana nas aulas de Educação Física. **Em Aberto**, v. 26, n. 89, p. 57-66, 2013.

TARRANT, J. Olympics: Mixed weather and waves at Tokyo 2020 surfing test event. **Reuters**, 2019. Disponível em: <https://www.reuters.com/article/us-olympics-2020surfing/olympics-mixed-weather-and-waves-at-tokyo-2020-surfing-test-eventidUSKCN1UD0PM>. Acesso em: 27 set. 2022.